

OS MEMES E A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL: MODOS EMERGENTES DE VIVER E NARRAR¹

Thiago de Assumpção Fernandes Barbosa²

Resumo:

Analisar como os memes deixam ver formas outras, que partem do cotidiano e são atravessadas pelo uso das tecnologias digitais, para narrar a pandemia e apontar transformações e rearticulações no campo das experiências comunicacionais. Nos marcos dos estudos culturais, o referencial teórico-metodológico central articula a sobreposição dos mapas de Jesús Martín-Barbero desde o mapa das mediações culturais até o mapa insomne 2017, e o diagrama de configuração do campo do político, proposto por Lawrence Grossberg. Uma seleção de memes criados e compartilhados no Brasil ao longo da pandemia de Covid-19 e que abordam disputas discursivas desde o campo da política institucional até desafios particulares do cotidiano em confinamento atendem ao destaque de três características analíticas a partir da zoeira, enquanto uma prática cotidiana brasileira e configuradora dos memes.

Palavras-chave: memes; covid-19; práticas cotidianas; tecnicidades; política

O que significa reconhecer no meme uma potência comunicativa e colocá-lo em questão considerando o que ele faz fazer, as práticas que se dão por meio dele e suas dimensões no político? O que estamos fazendo ao tomar o meme? O que este movimento diz sobre nossas práticas cotidianas e as reconfigurações políticas e sociais possíveis? Estariam nos memes pistas sobre novos modos de narrar, de reforçar e de disputar ante discursos hegemônicos?

Ao longo das últimas 5 décadas muito já se falou sobre os memes desde sua compreensão a partir de concepções biológicas (contaminação, viralização) que marcaram o primeiro uso do termo por David Dawkins, em 1976, até a utilização de memes nas pesquisas em outros campos tais como na educação, psicologia e marketing. As perguntas acima formuladas partem dessa inquietação de seguir investigando outros imbricamentos do meme que passam pela vida cotidiana reverberando na política do dia a dia e nas sociabilidades.

Este trabalho é parte de uma pesquisa em fase de conclusão que acolhe o meme na dimensão daquilo que ele nos permite observar social e culturalmente. Em aliança com outros autores, identificamos “a criação e o compartilhamento de memes como o princípio, a prática e o produto da intervenção narrativa na agenda hegemônica” (DENISOVA, 2019, p.34), assim como buscamos compreendê-los enquanto “narrativas em disputa que proporcionam oportunidades para que as pessoas explicitem, negociem e justifiquem suas opiniões” (MANSBRIDGE, 1999 apud FREIRE,

¹ Artigo apresentado ao Eixo Temático 1. Tecnopolíticas e Cenários Pandêmicos, do XIII Simpósio Nacional da ABCiber

² Mestrando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pelo PósCom/UFBA. Participa do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação e na Cultura/TRACC | E-mail: thiagob@ufba.br

2016, p. 40), aparatos afetivos (GROSSBERG, 2010), e como uma lente que destaca uma variedade de fenômenos culturais sendo “agente de distintas maneiras na articulação de identidades que permite aos sujeitos conformar comunidades de interpretação” (PURECO; MAGOS, 2019, p. 216).

A relevância do meme enquanto uma potência comunicativa se revelou, por exemplo, em uma recente pesquisa publicada pelo Laboratório Consumoteca em parceria com o Grupo Gente/Globosat. Nesta investigação foi revelado que 85% daquelas pessoas entrevistadas costumavam curtir memes na internet e que 73% já souberam de uma notícia através de um meme (CONSUMOTECA; GENTE, 2019). Compreendemos com isso que ele se revela enquanto um tradutor de contextos, promove senso de pertencimento e coopera para aliviar o stress cotidiano.

Durante a pandemia de Covid-19, o modo como os memes despontam na comunicação cotidiana nas ambiências digitais diz de uma “capacidade analgésica”³ diante de questões como distanciamento social, privação de lazer, ao passo em que enxergamos também o reforço de laços e possibilidades de articulação de identidade coletivas.

Partindo de uma compreensão de que habitamos um entorno tecnocomunicativo (MARTÍN-BARBERO, 2009) e de que as tecnicidades medeiam nossas práticas cotidianas, buscamos com este trabalho observar o meme quanto uma potência emergente que diz de novos modos de viver, sentir e narrar, e as formas pelas quais as pessoas participam do debate das questões contemporâneas a partir da criação e compartilhamento deste artefato digital.

Como caminho teórico-metodológico, este artigo parte da articulação de dois referenciais localizados nos marcos dos estudos culturais: a sobreposição dos mapas de Jesús Martín-Barbero desde o mapa das mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 1997) até Mapa o Insomne 2017 (RINCÓN, 2019), e o diagrama de configuração do campo político, proposto por Lawrence Grossberg (2010). O interesse é articular os esforços de pesquisa barberianos a respeito das mutações culturais que habitamos, especialmente as que dizem de um *sensorium* contemporâneo, e a concepção do campo político que se elabora a partir dos vértices: Estado, Corpos e Vida Cotidiana, em Grossberg. O que se intenta acessando essas figuras – os mapas e o diagrama – é a exploração de práticas comunicacionais da vida cotidiana na busca por verificar a emergência de um modo de expressão que parte dos afetos e desponta enquanto multiplicidade de narrativas para sentir e agir social e politicamente.

3 Memes reforçam ‘capacidade analgésica’ do humor em tempos de pandemia. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/memes-da-pandemia/>>. Acesso em: 07 jan. 2021.

Sem a intenção de constituir um corpus analítico, o que temos aqui é uma seleção de memes criados e compartilhados no Brasil ao longo da pandemia de Covid-19 e que deixam disputas discursivas desde o campo da política institucional, tensões do confinamento e das medidas de prevenção e saúde, bem como desafios particulares cotidianos.

1. O meme e a pandemia de Covid-19

Em 26 de fevereiro de 2020 o Brasil registrou o primeiro caso de Covid-19, uma doença respiratória aguda grave, que hoje é mundialmente considerada uma pandemia em curso. Dada sua gravidade, o alto grau de letalidade para uma fatia da população e um potencial exponencial de contágio, a pandemia colocou grande parte dos habitantes de todo o mundo diante de um quadro poucas vezes experienciado.

Com um início da pandemia caracterizado por desconhecimento e crescente temor, um dos primeiros memes de alcance mundial envolvia o depoimento da cantora e rapper norte-americana Cardi B que, num discurso confuso que oscilava entre irritação e medo, deixava ver marcas de xenofobia ao relacionar a “*tour*” do Coronavírus com abertura de pacotes vindos da China. O vídeo, apresentado originalmente nos *stories* da cantora, no Instagram, viralizou e gerou memes desde paródias, passando por *remixes* do vídeo com base de arrocha, funk e EDM lançados no Spotify, figurinhas para *Whatsapp*, frascos de álcool em gel etiquetados com a imagem da cantora e o bordão “Corouna Váirus” repetido uma dezena de vezes, tal qual no vídeo original.

Na esteira da pouca informação disponível sobre o vírus, em março de 2020, a Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getulio Vargas (DAPP/FGV) divulgou uma pesquisa realizada entre janeiro e fevereiro sobre o comportamento dos brasileiros nas redes sociais a respeito do novo coronavírus. Na época, o Brasil estava posicionado como 4º país que mais comentava sobre a pandemia nas redes, sendo que 34% das menções, de acordo com o relatório, eram de “imagens consideradas engraçadas pelos internautas conhecidas como ‘memes’” superando *tweets* de notícias que contavam 17%⁴. Contudo, destacamos que o contexto em que a pesquisa foi realizada no Brasil indicava um país que ainda não tinha identificado infectados muito menos reconhecido mortes relacionadas a Covid-19. Podemos dizer que o cidadão brasileiro observava o avanço da pandemia sem ser afetado, já que as principais interrupções no território só se deram a partir da segunda quinzena de março.

⁴ Dados parciais da pesquisa divulgados na coluna Pais&Filhos do UOL. Disponível em: <https://paisefilhos.uol.com.br/familia/pesquisa-mostra-que-os-brasileiros-compartilham-mais-memes-do-que-noticias-sobre-covid-19-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 07 jan. 2021

Desde então o Brasil vem ocupando frequentemente a lista das 5 nações com maior número de mortes em decorrência de Covid-19 e brasileiros se veem lidando com novos hábitos de higiene e limpeza, ordens de distanciamento social, confinamento e os efeitos dessas novas práticas na economia, educação, política e sociedade como um todo. Concomitantemente, o país atravessa uma série de desafios políticos tal como a polarização de opiniões, desmatamento e incêndio de territórios que deveriam estar preservados, e escândalos envolvendo representantes institucionais da nação. Tal panorama favorece a emergência de narrativas que digam desses cenários e que, por sua vez, tenham como fonte as experiências cotidianas e as vozes de quem vivencia tais condições. Aqui localizamos os memes enquanto uma das maneiras encontradas pelas pessoas para participarem da discussão pública sobre a pandemia ao passo em que fazem dos memes afeto que as engaja a outras diante de tantas situações experimentadas coletivamente.

Muito mais do que estimular o riso, vê-se uma ação por meio dos memes que promove comunidades de sentido, traduz situações e estimula a participação do indivíduo nas discussões cotidianas através das redes sociais digitais, dá força ou combate discursos hegemônicos e desestabiliza a imagem de personalidades e políticos, dentre tantas outras possibilidades de movimento. Sob o código da *zoeira*, o meme explora a criatividade pessoal e, através de seus atributos de instantaneidade e propagabilidade engaja indivíduos, ainda eu seja pelo reconhecimento de uma dor compartilhada que é minimizada pelo riso.

Seu potencial também pode servir a interesses do mercado, fortalecer redes de notícias falsas, desqualificar por meio da humilhação e atuar como instrumento que leva mensagens de ódio e violência. Conforme trabalhos anteriores sobre este artefato digital (SHIFMAN, 2014; MILNER, 2016), os memes são sociais – emergem de interações entre usuários de internet – e culturais – atuando na expressão e formação de valores e significados compartilhados. Mais do que um discurso imposto, o meme pertence à cotidianidade e tem seu lugar entre as pessoas, conforme aponta Tay (2012):

Memes, portanto, são indiscutivelmente conteúdo que "pertence" às pessoas que participam de sua criação - ao invés do modelo um-para-muitos de comunicação de mídia que privilegia aqueles com poder, os memes dependem da participação e envolvimento de um grande e apaixonado coletivo. (p. 39)

Por fim, o modo como o brasileiro se habilita nos memes para contar de si chama a atenção no mundo todo. O 4º país do planeta com maior número de usuários de internet⁵, onde 3 de cada 4

⁵ Dados retirados da pesquisa: Internet Trends 2020. Stats & Facts in the U.S. and Worldwide. Disponível em: <https://www.vpnmentor.com/blog/vital-internet-trends/>. Acesso em: 31 out. 2020

habitantes acessam a internet⁶, faz uso desta rede inclusive para denunciar o abismo social e as injustiças que atravessam todo o território nacional, seja por meio de memes *image macro*, bordões, *hashtags*, *challenges* ou vomitação⁷.

2. Configurando o espaço

Ao apresentar o mapa das mutações culturais em 2009, Martín-Barbero ressaltou uma perspectiva em que novas tecnologias comunicacionais evidenciadas naquele momento contribuiriam para a relocação da comunicação em um lugar estratégico político e social (JACKS; SCHIMITZ, 2018). Não se tratava de uma fascinação tecnológica, mas da compreensão de que se podia enxergar, na análise das mediações, o estabelecimento de um ecossistema cultural que deslocava inclusive os aspectos da tecnicidade para uma presença que atravessava o mapa, como um todo.

O autor nomeou este ambiente como entorno tecnocomunicativo, que seria aquele “personagem importante da vida social e cultural dos sujeitos” (JACKS; SCHIMITZ, 2018, p.126). Não se trata aqui de uma elevação da tecnologia enquanto aparato – e por isso não é especificamente o rádio, ou a internet, ou o *smartphone* – mas da observação de modos transversais de como a tecnologia se deixa ver nas práticas do cotidiano. Por isso de ser uma dimensão simbólica, que diz de um ecossistema.

Neste entorno que se pronuncia são vistas novas linguagens, gramáticas, modos de se colocar em comunicação. O *like*, o comentário, compartilhar, remixar, enviar DM⁸, bem como itens digitais como o meme, o gif⁹ e o *sticker* são alguns dos elementos que se podem listar. Para além de práticas “exclusivas” do ambiente digital, o entorno tecnocomunicativo também deixa ver reconfigurações de atos como: fazer política, jogar, se apresentar socialmente, decidir, se divertir, aprender, explorar, se unir em comunidade, contar de si etc.

⁶ Dados retirados da pesquisa: TIC Domicílios 2019. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 31 out. 2020

⁷ Em agosto de 2017, após a invalidação por parte da Câmara dos Deputados da denúncia de corrupção passiva emitida pela PGR contra Michel Temer, um movimento de postagem em massa do emoji “vômito” na página oficial do presidente em exercício serviu como forma de protesto contra a decisão dos parlamentares e para marcar oposição ao maior representante da nação. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/internautas-fazem-vomitaco-nas-redes-sociais-de-temer-21354704>. Acesso em: 01 nov. 2020.

⁸ Do inglês *direct message*. Prática comum das redes sociais digitais de se enviar, por meio de uma plataforma pública, uma mensagem particular para alguém que está na mesma rede.

⁹ Graphics Interchange Format – apesar de ser a sigla para um formato de arquivo, é amplamente utilizado para definir animações curtas ou uma pequena seleção de frames em sequência.

Martín-Barbero nomeia parte dessa gramática das práticas comunicacionais digitais como hipertexto, colocando em crise a ideia da escrita linear e de seu enclausuramento ao livro. E complementa:

(...) é um texto muito diferente, aberto à diversidade polifônica da fala e da escrita, da música e das imagens, das visualidades e dos ritmos. (...) nomeia uma trama libertária e libertina, links com hiperlinks, interfaces gráficas que permitem passar de uma língua a outra sem sair do texto, mas transformando o monoteísmo da leitura de letras no politeísmo de navegar ou navegar por toda parte de todas as línguas. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 15)

Reconhecendo a validade de cada um dos mapas e o modo como eles sobrepostos se complementam nas análises que buscamos elaborar, é possível observar, sem desconsiderar nenhuma outra mediação ou eixo, o lugar que a tecnicidade vai ocupando desde o mapa das mediações (MARTÍN-BARBERO, 1997), passando pelo mapa das mutações (MARTÍN-BARBERO, 2009) até o *sensorium* contemporâneo ou, o mapa das mutações culturais e comunicativas contemporâneas (RINCÓN et al., 2019). Tal relação das tecnicidades com o entorno tecnocomunicativo já podia ser vislumbrada desde Ofício de Cartógrafo quando Barbero aponta o modo como a comunicação se espraia e se adensa se convertendo de instrumental a estrutural nos processos sociais e políticos (PIENIZ; CENCI, 2019).

No momento em que o autor joga luz sobre este movimento na comunicação e na cultura somos conduzidos a refletir quem é ou como se configura esse indivíduo neste entorno tecnocomunicativo. Que atributos e sensibilidades aparecem como próprios para esta pessoa e que não pareciam revelados em tempos anteriores? E aqui Martín-Barbero indica a empatia dos jovens com a cultura tecnológica, e que hoje podemos analisar e propor uma reflexão levando em conta a destreza de alguns - e não apenas dos jovens - para criar narrativas que não haviam sido possíveis de serem relatadas por meio do mapa anterior.

No mapa Insomne, além do eixo vertical que conecta Tempos e Espaços – no plural, marcando a diversidade de tempos e espaços que vivermos -, Martín-Barbero apresenta no eixo horizontal Sensibilidades e Tecnicidades. De acordo com o autor:

(...) com as sensibilidades recuperamos o humano, o emocional, o cultural. As tecnicidades são muito mais amplas do que a técnica, é a forma como as mudanças-chave nos permeiam, é uma linguagem com a qual as mudanças são lidas, vistas, compreendidas e explicadas. A sensibilidade é o sensível em termos coletivos e não individuais. As tecnicidades produzem novas sensibilidades (RINCÓN, 2019, p. 20)

Ao pensar sobre as tecnicidades, assumimos a compreensão original do termo *techné*, recuperada por Lopes (2018) que recusa a observação da técnica enquanto mero aparato, mas, como uma espécie de intermediação como experiência comunicativa, ou ainda, reconhecendo “a

envergadura que a tecnicidade tem hoje, ao estar incrustada na cognição e na vida cotidiana” (PIENIZ; CENZI, 2019, p. 154-155).

As tecnicidades também se fazem valiosas para o presente trabalho por aquilo que possibilitam para a emergência de identidades, bem como outras formas de cognitividade, conforme as autoras também demarcam. E numa relação de permanente troca com o eixo das Sensibilidades, se explicitam não apenas as identidades como também narrativas que se fazem possíveis neste entorno que toma as tecnicidades enquanto esse lugar da intermediação das experiências comunicativas cotidianas. Finalizando o mapa, além de seus quatro eixos são apresentadas quatro mediações: identidades/figuras, narrativas/relatos, cidadanias/urbanías e redes/fluxos.

Martín-Barbero indica o que lhe parecia oferecer esperança ao sinalizar movimentos importantes que ele vislumbrava naquele momento.

O fato mais importante que está ocorrendo na comunicação não é o que está acontecendo na tecnologia, mas na comunicação como uma chave de transformação política, como esboço de uma nova democracia. Isto é, as pessoas sabem que, na comunicação, começam a ter um poder que nunca tiveram, que não é só a palavra, são os contos, músicas, narrativas, não apenas a transmissão da palavra, mas a visibilidade política para se fazerem presentes com novas formas de cidadania (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 161).

Tal declaração, além de um convite ao reposicionamento do olhar para a comunicação enquanto terreno de transformações reforçava o compromisso de compreender as tecnologias não como a mudança, mas como um elemento que aliado às sensibilidades, nos auxiliaria na convocação de elementos – que podemos pensar em artefatos digitais, como os memes – para partilhar o sentir e o viver.

Uma vez localizada a comunicação e os novos usos sociais dos meios, proporcionados em parte pelo aprimoramento das tecnologias, é possível contemplar que nessa esfera se elaboram atualizados modos de se estar juntos, de participar politicamente e de outras cidadanias possíveis (RINCÓN, 2016). Expressada por meio do slogan: “Comunico, logo existo!”, as mutações culturais ao longo dos tempos nos permitem vislumbrar essa cidadania que se dá a partir das ações dos sujeitos acessando novos aparatos eletrônicos e digitais, tal como a presença nas redes sociais digitais e a possibilidade de, por meio das conexões promovidas, falar de um para muitos e de muitos para muitos.

No esforço de realizar uma análise que observa a política, consideramos relevante compreender o que é esta política ou *o político* e como se dá esta observação, nos termos de Lawrence Grossberg. Para o autor: “Qualquer momento político, luta ou acontecimento só pode ser entendido olhando para a sua articulação dentro, primeiro, do campo político, e segundo, a conjuntura na qual o próprio registro da política é construído” (2010, p. 233-234).

Grossberg reflete a partir dos Estudos Culturais sobre o lugar da política dentro da análise conjuntural. Para tanto ele apresenta um diagrama formado por três vértices e nove vetores. Esta figura reforça o sentido de que a análise da conjuntura política se dá na mediação e não pode ser lida exclusivamente a partir de um domínio.

O primeiro vértice é o *Estado* visto como uma máquina territorializante que usa mecanismos codificantes para produzir ou apropriar e inscrever uma rede de auto identificação, através de um território e uma população, sobre a qual ele (o Estado) reivindica poder. O segundo vértice trata dos Corpos, referindo-se à constituição e organização da própria vida. Em consonância com o pensamento de Foucault e seu conceito de biopolítica, o autor reforça as tecnologias em que a biopolítica está envolvida: o indivíduo como um ser vivo sempre em articulação (processos de subjetivação, regimes de agência e formações discursivas) e, a construção, mobilização e gestão de populações em nome da própria vida.

O último vértice, e talvez o ponto onde podemos articular de modo mais intenso os memes de internet, o entorno tecnocomunicativo e a política, trata da produção da *Vida Cotidiana*. Aqui é onde podemos observar atores sociais criando seus espaços e movimentos. A vida cotidiana aparece como uma chave para a aproximação dos Estudos Culturais e a tecnologia, por ser este “o local em que os significados e usos populares das novas mídias são negociados e representados” (LISTER et al., 2009, p. 239).

Uma vez apresentados os vértices do diagrama, o autor indica duas linhas ou vetores a partir da produção da Vida Cotidiana. Da linha em que ela se conecta ao Estado (vetor 5) o autor localiza a sociedade civil, a cidadania liberal e as lutas populares (afetivas). Da linha em que a produção da vida cotidiana se conecta ao corpo e a biopolítica (vetor 6) estão envolvidas as questões de socialidade – especialmente individualidade, subjetividade e comunidade. Se no vetor *Estado – Vida Cotidiana* são observadas as articulações do político e do cultural, no vetor *Vida Cotidiana – Corpo* se marcam as relações pessoais e o que articula o político com o que costuma ser tratado como pessoal/privado.

Considerando o referencial aqui apresentado defendemos que durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, o meme se consolida enquanto uma força comunicativa que diz tanto das nossas relações cada vez mais atravessadas pelas tecnicidades – e cuja leitura é intensificada a partir das outras mediações do mapa Insomne – quanto emerge como uma expressão da política da vida cotidiana que combina individualidades, subjetividades, senso de pertencimento e expressões populares.

3. Três marcas transversais nos memes da pandemia

Uma das pistas deixadas pelos memes e que utilizamos para observá-los ao longo da pandemia está na *zoeira* como uma prática cotidiana e um dos atributos configuradores dos memes brasileiros (LUNARDI, 2018). Em se tratando dos desafios sociais e culturais do Brasil e da zoeira sendo esta ação que alicerça a criação e o compartilhamento de memes, o que se expõe é a destreza do cidadão de lidar com uma produção que expressa o absurdo e o cômico, ao passo que reconhece sua impotência diante de problemas que se revelam profundos na constituição da cultura brasileira.

Tal como Lunardi (2018), intentamos observar a zoeira para além de apenas um tom de brincadeira, mas um modo de se colocar em interação, seja nas ambiências digitais ou não, e que pode tocar qualquer das narrativas do cotidiano privado ou público.

Tomando a zoeira cotidiana enquanto ponto de encontro, a seguir, indicamos três marcas que atravessam a seleção de memes sobre pandemia neste trabalho. Estas marcas indicam partilhas visíveis em torno do meme e dizem de afetos, práticas colaborativas e dinâmicas desde as ambiências digitais até o que extrapola dali.

3.1 Rindo de nervoso

Nesta primeira marca reconhecemos o tipo de prática em que o meme aponta a situação do sujeito que ri da sua própria condição. É quando a pessoa toma a zoeira para falar de si mesma por meio dos memes que cria, recria, comenta ou compartilha. Aqui aparecem os memes que falam de desilusões amorosas, quebra de expectativas, esgotamento mental e físico, angústias com cenários postos, por exemplo. O afeto se dá pela identificação com o sentimento ali apresentado e se traduz em uma boa medida pela expressão “rir pra não chorar”.

Figura 1 - Memes de desesperança



Fonte: Facebook do autor

Acselrad (2009), indica a importância do humor no processo de humanização dos nossos ancestrais ao descrever um trecho do filme ‘A Guerra do Fogo’. Na obra de 1981, um coco cai sobre a cabeça de um dos protagonistas, ao que um primata ao ver aquela situação emite uma gargalhada

revertendo o sentimento inicial de ira dos outros companheiros. Aquilo dá pistas sobre o lugar do riso e do humor no modo de encarar os fatos que lhes sobrevém. O autor ainda nos conduz a outras reflexões sobre o riso e o humor tais como: a *descarga energética* provocada (ACSELRAD, 2003, p. 2) à ideia de limite, onde o humor “encontra-se na fronteira entre a consciência e o inconsciente, entre o cômico e o trágico, entre a vida e a morte” (2009, p. 3).

Uma possível matriz para a articulação que propomos aqui estaria na expressão em latim '*ridendo castigat mores*', que pode ser interpretada como 'rindo se castigam os males' ou "rindo se moralizam os costumes". Se trata de um princípio fundamental da comédia, de acordo com Jean de Santeuil, mas que é usualmente referenciada ao dramaturgo e humanista português Gil Vicente. A frase sintetiza o caráter crítico-moralizante de seus textos que versavam sobre o cotidiano, não eram interpretadas em teatros, mas em tablados improvisados do lado de fora da igreja, possuíam diálogos simples, ancorados no cômico, e seus personagens eram tipos (grupos sociais: frades, soldados etc.) ou alegóricos (conceitos abstratos: o bem, o mal, o erro, a mentira). Por meio da farsa e dos autos ele expunha os anseios da cultura portuguesa e apontava suas críticas. A população se via e ria de si enquanto refletia sobre sua condição. Uma das intenções do teatro vicentino - por meio de mistérios, milagres, momos, arremedos e entremeses¹⁰ -, era de educar por meio das peças, ou, recuperando a expressão em latim, rir sobre as questões que educam os indivíduos. Contudo, Vicente dispunha o teor de obras ora inclinadas ao antropocentrismo, ora apontando para os anseios da igreja católica, ou seja, fazia graça sem se fixar em uma posição definida, reforçando as marcas dualistas que se deixavam ver pela cultura naquele momento histórico caracterizado como um período em transição.

Durante a pandemia de Covid-19 no Brasil – e isto também se faz notório mundialmente – tem sido possível observar a memezalização como prática de participação social em torno de interesses compartilhados ou modos de ser e estar no mundo. Observando especificamente o ato de rir das suas próprias tragédias cotidianas, a condição do confinamento e das orientações de distanciamento social destacaram formatos ou *templates* de memes a exemplo do *Fail* – em que ressalta um sujeito humilhado ou um acidente com algum grau de comicidade -, e Expectativa-Realidade que é um formato de meme em que se tem um painel duplo onde se indica uma situação hipotética ou potencial de um lado e, do outro, uma situação real (COLAB; #MUSEUdeMEMES, 2018)¹¹.

¹⁰ Pocket aula de literatura sobre Teatro Vicentino Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=t2JetlSc4n8&ab_channel=Stoodi Acesso em: 16 out. 2020.

¹¹ Tais definições de variáveis de forma, conteúdo e posição são retiradas de Livros de Códigos. Estes são materiais suplementares de pesquisa que indicam procedimentos de interpretação e análise qualitativa de dados em pesquisas que envolvem análise de conteúdo. Eles servem como instrumentos que guiam os codificadores na operação de tratamento de dados categóricos, conforme descrição disponível no portal do projeto #MUSEUdeMEMES.

Pensando os desafios colocados para os sujeitos durante a pandemia, é possível observar nos memes um modo de manter os laços sociais em tempos de distanciamento. Mesmo que a conexão se dê por aquilo que as pessoas sentem doer em comum, ali se vê potencial de trocas comunicativas e formas de se estabelecer alianças. Em entrevista ao site *Catraca Livre*¹², Felipe Misale, que é o criador de uma das mais conhecidas páginas de memes no Instagram, o *Meltded Videos*, fala de uma “capacidade analgésica” dos memes durante períodos como o experimentado no ano de 2020 em que os indivíduos vivenciam pandemia, distanciamento social, privação de lazer, ao passo em que se enxerga também o reforço de laços e possibilidades de articulação de identidade coletivas. Tal pista se alinha a argumentos elaborados por Inocêncio, Aristimuño e Franco (2017) que indicam:

a hipótese de que a criação, circulação e compartilhamento de memes torna-se uma experiência estética importante para a construção identitária, baseada em práticas como performance de gosto, disputas simbólicas, busca por capital cultural na rede e forte senso de pertencimento vinculado às comunidades digitais de que se faz parte. (p. 2776)

Destacamos aqui o meme do calendário na pandemia, cuja origem sugerida estaria num *tweet* da atriz norte-americana Reese Whitterspoon¹³ em agosto de 2020 e que foi refeito milhares de vezes desde então, incluindo outras versões postadas por celebridades a exemplo da cantora Thereza Cristina. O formato do meme é de um mosaico (*Figura 2*) em que a progressão dos meses de 2020, conforme a pandemia se estendia, sugere alterações no humor que vão desde a alegria plena até o choro desesperado. O meme do calendário com Thereza Cristina publicado no *Instagram* da revista TPM, por exemplo, se vale de fotos promocionais e imagens capturadas da cantora durante as transmissões ao vivo que realizou por meio da sua conta na plataforma em questão.

Figura 2: Memes do calendário



Fonte: instagram.com/taisdeverdade – <https://twitter.com/reese/status/1290700718941204480> - instagram.com/revistatpm

¹² Matéria de Tamiris Gomes sobre o papel dos memes durante a pandemia. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/memes-da-pandemia/>. Acesso em: 10 ago. 2020.

¹³ Postagem do portal TechTudo sobre a progressão da pandemia por meio de memes. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/08/meme-com-fotos-que-resumem-2020-faz-sucesso-entre-famosos-nas-redes-sociais.ghml>. Acesso em: 14 set. 2020

O meme, enquanto este objeto que engaja por meio uma situação ou sentimento partilhado, se alinha à argumentação anteriormente elaborada que tratava de uma necessidade – ou um desejo – do cidadão de se colocar na tela para contar de si. As marcas de uma cidadania *celebrity* (leve), a importância que se dá ao fato de poder participar dos eventos meméticos a partir de recursos e habilidades adquiridos e a interação com outras pessoas para falar de aspectos “do seu mundo” através das redes sociais digitais aparecem nos memes. A abordagem poderia ser desde questões cotidianas ou tidas como banais - a exemplo da falta de crédito para completar uma chamada, a reprovação por meio ponto numa avaliação, um tutorial de maquiagem mal sucedido etc.- até os afetos em torno de uma candidatura eleitoral fracassada de alguém em quem se depositava a confiança, questões que envolvem transtorno mentais, perda de parentes, entre outras.

3.2 Instantaneidade e alcance - Aconteceu... tempo na tela ... JÁ!

O segundo movimento observado está numa ação – via código da zoeira – disparada imediatamente após acontecimentos nacionais que tratam de participação pública por meio de memes, seja criando, compartilhando e curtindo. Aqui é onde poderíamos localizar o meme enquanto um tradutor de cenários e justificar o motivo de determinados memes chegarem até as pessoas antes mesmo da notícia sob a qual tais memes se utilizaram para serem elaborados. São, o que aqui denominamos, eventos meméticos compreendidos como um conjunto de ações amparadas em memes que estão unidas por um mesmo eixo temático, partilham de significados e que num espaço de tempo se encontram, circulam por meio das redes entre as pessoas e se dissipam à medida que seu tema também se esgota.

Dentre exemplos de eventos meméticos ao longo da pandemia estão todos os memes com variações da cédula de R\$ 200,00, incluindo aquelas que cruzavam pautas como do desmatamento – ao colocar o lobo-guará andando num cerrado em chamadas -, ou da credibilidade do atual presidente ao usá-lo como rosto da célula de covid na ilustração da nota oficial.

Destacamos, aqui, os memes relacionados ao “Coronavoucher”, ou, um plano emergencial de ajuda econômica àqueles que se viram impossibilitados de manter sua renda durante a pandemia. A criação do auxílio emergencial é um tipo de ação política institucional, a partir do diagrama de Grossberg, que pode ser compreendida no vetor que conecta Estado à vida cotidiana enquanto uma das tecnologias de governo, a governabilidade.

Dentro deste evento memético existem memes em que se comemora aniversário de processamento do pedido de auxílio ou, memes que mostravam como a quantia de R\$ 600,00 poderia

significar muito ou nada diante de um país de dimensões continentais e desigualdades tão grandes quanto. Os memes do Coronavoucher também expressaram atravessamentos temáticos sobre injustiça, fraude e ambiguidades na seleção de beneficiários. Por meio deles se denunciou celebridades que se inscreveram para recebimento do benefício, pais ausentes que se anteciparam às mães e cadastraram o CPF de filhos na expectativa facilitação do processo de aprovação, bem como explicitaram brechas do programa que deixavam de fora pais solo (de qualquer orientação sexual) no acesso ao benefício liberado para mães arrimo de família.

Figura 3: memes do evento memético Aprovação do Coronavoucher



Fonte: Facebook do autor

3.3 Criatividade em modos de narrar e viver - Sol em criatividade com ascendente em kibe¹⁴ e lua em deboche

Ao considerar a produção cultural cotidiana e a zoeira de cada dia, articulando o mapa insomne (tecnicidades, narrativas e fluxos), recuperamos o conceito de criatividade vernacular proposto pela pesquisadora Jean Burgees. Ela indica que, numa interpretação mais direta, a criatividade vernacular poderia ser enxergada como criação de conteúdo amador, mas isto não daria conta de uma dimensão que está profundamente ligada a proposições já trazidas aqui de experiências num entorno tecnocomunicativo. Para ela, a criatividade vernacular habita o dia a dia, o mundano e “é um centro de gravidade em relação às novas configurações da estética e do social que são mais nitidamente realizadas no contexto das novas mídias” (BURGEES, 2007, p. 29).

¹⁴ Kibe é uma expressão popular no ambiente das redes sociais digitais quer dizer imitação, e vem da expressão ‘kibar’ que quer dizer tomar ideias, conceitos e imagens alheios e se utilizar sem disto os devidos créditos. É uma espécie de plágio. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/kibar/> Acesso: 10 jan. 2021.

A autora objetiva, por meio deste conceito, “encontrar uma maneira de olhar a produção cultural cotidiana que faça sentido no contexto das transformações contemporâneas na cultura e nas novas tecnologias de mídia” (p. 29). Ela também aponta que a criatividade é um processo cognitivo universalmente disponível a todas as esferas da atividade humana e que é formada na “complexa rede de práticas, colaboração e negociação sociais” (BECKER, 1982, apud BURGEES, 2007, p. 37).

Para nós, acompanhando a proposta de Burgees, nos interessa pensar estas tais transformações contemporâneas possíveis atravessadas pelo meme, enquanto um produto cultural cotidiano. Nisto caminhamos para uma terceira observação do meme, sob o código da zoeira, que diz de modos criativos de se exercer cidadania e se colocar politicamente diante de questões que só foram possibilitadas por meio de uma reconfiguração dos espaços e do desenvolvimento de novas tecnologias.

Lunardi e Burgees (2020) se uniram para observar a zoeira nos memes e a criatividade vernacular do brasileiro no que tange sua participação dos debates de temas contemporâneos tanto político quanto sociais. Conforme as autoras:

(...) o uso da zoeira funciona como uma forma de protesto e construção de identidade cultural nacional. Quando a internet brasileira usa a zoeira para mostrar como o sistema político do Brasil tem seus absurdos, ela também está expressando como problemas políticos estão enraizados na cultura brasileira, e o quão impotente a população se sente diante dessa condição. (p. 440)

A descrença em instituições e sistemas públicos – a exemplo da ciência, da educação, da política – e um “clima” que valoriza as expressões em primeira pessoa são alguns dos fatores que Van Zoonen (2012) elenca para elaborar sua concepção de uma “eu-pistemologia”¹⁵ (p. 57), um processo de transformação do paradigma epistemológico. Para a autora, que conversa tanto com as ideias de Lunardi e Burgees quanto com a compreensão de cidadanias *celebrities* de Rincón, as tecnicidades favorecem que o cidadão seja ao mesmo tempo próximo da política, mas distante dela. Isto se daria por uma perspectiva cínica de que o ambiente político não é compromissado o suficiente com o interesse público.

A eu-pistemologia estaria aliada a expectativa de participar do político a partir de uma experiência testemunhal, autobiográfica, que se une por meio de afetos a outros sujeitos e que se vale das potencialidades disponíveis nas ambiências digitais que transbordam para o dia a dia. Modos criativos de ser e estar, tal qual a utilização de memes, deixam ver os posicionamentos das pessoas

¹⁵ Do original: *I-pistemology*

diante de questões e promovem o zunido incômodo – recuperando um dos significados da zoeira – que desestabilizam os discursos hegemônicos postos à vista.

Quando os usuários compartilham memes sobre assuntos políticos, eles intervêm no discurso da mídia. Eles podem promover ou confrontar a interpretação hegemônica dos acontecimentos; sugerir uma interpretação alternativa; apresentar um evento em um contexto específico que seria educacional para outros. A deliberação de questões políticas na linguagem dos memes pode assumir a forma de um carnaval - a troca de gritos e berros, e piadas vulgares, no entanto, contribui para a formação do quadro político (DENISOVA, 2019, p. 195).

Tal criatividade combinada ao desejo de se colocar no debate público pode ser vista, por exemplo, em variações do meme *The Silent Protector*¹⁶ onde os memes foram tomados para emitir críticas às Forças Armadas. Ao utilizar os memes como um modo de ataque à ineficiência da segurança nacional, a pessoa não apenas expressa uma tomada de consciência e uma liberdade para se colocar no debate político a partir do encontro do Estado com a vida cotidiana, como faz isto de modo que dificulta ao Governar a censura sem que também se censure conteúdo inócuo.

Figura 4: variações do meme *The Silent Protector*



Fonte: instagram/corrupcaobrmemes

Outro exemplo está na inclusão da máscara como um novo e obrigatório item de vestuário que, não só abriu espaço para o sujeito zoar a partir da própria condição – a exemplo dos memes que faziam menção da dificuldade de manter os óculos não embaçados durante o uso das máscaras, ou das selfies de pessoas que ganharam marcas de bronzeamento delimitadas pela máscara -, até oportunidades criticar o mal uso do acessório.

No Amazonas a máscara também foi tema de denúncia por meio de memes. Primeiro Estado a retomar as atividades estudantis, o governo do Amazonas, por meio da Seduc (Secretaria de Educação e Desporto), distribuiu máscaras grandes o suficiente para cobrir totalmente o rosto de um

¹⁶ O meme “The Silent Protector” tem matrizes em uma charge do artista Utkal Gaurab e circula pela internet desde 2016. Sua imagem original é composta por um militar ajoelhado e de braços abertos sendo bombardeado pelas costas enquanto protege uma pessoa que está dormindo.

adolescente¹⁷. O resultado foi o evento memético “Máscara do Amazonas” em que o acessório era apresentado em montagens como uma rede de dormir, chapéu, vela de barco ou biquínis.

Considerações finais

A relação do meme com o humor, seu potencial de propagabilidade (JENKINS; GREEN; FORD, 2014) enquanto um texto produtor (FISKE, 1989) e o atributo da intertextualidade – que permite que os memes com frequência “se relacionem entre si de maneiras complexas, criativas e surpreendentes” (SHIFMAN, 2014, p.2) – são marcas já dadas e que destacam aspectos que fazem deste ítem digital um elemento que se encaixa com facilidade entre as possibilidades disponíveis de atuação social e política nas ambiências digitais.

Ao recuperar as perguntas que abrem este artigo e as relações expressas por meios das três marcas transversais dos memes durante a pandemia no Brasil reforçamos a defesa desta dimensão de ação dupla do meme, a partir da situação observada. Em primeiro lugar, a construção de uma via para que pessoas se engajem, compartilhem sentimentos e preocupação, elaborem identidades coletivas de modo a preservar os laços com outras pessoas ou ampliar suas redes de contato.

Numa segunda mirada, os memes na pandemia vão dizer de um desejo e de uma capacidade de querer se expressar por meio das redes sociais digitais, seja tendo como alvo a sua própria rede de contatos, seja numa dimensão de acionamento de uma comunidade mais ampla e que, por sua vez, amplifica os discursos que aquele meme carrega. O entorno tecnocomunicativo e todos os atravessamentos possíveis entre os eixos das sensibilidades e das técnicas favorecem este terreno em que a política da vida cotidiana ganha destaque, e onde as pessoas têm a chance de ousar participar das discussões ao seu redor utilizando de elementos que também compõem a simplicidade do seu dia a dia, a exemplo dos memes.

É certo que as desigualdades sociais precisam ser destacadas como um elemento que desequilibra os discursos ou mesmo a possibilidade de quem é que pode (ou consegue) participar nesses debates cotidianos. Contudo, as potencialidades do meme inspiram possibilidades e sugerem caminhos para outras (novas) narrativas para o que se vive e sente.

Referências Bibliográficas

¹⁷ Matéria sobre os memes decorrentes das máscaras do Amazonas. Disponível em: <https://exame.com/brasil/a-mascara-gigante-do-governo-do-amazonas-que-virou-piada-na-internet/> Acesso em: 12 out. 2020.

ACSELRAD, Marcio. Rir por quê? Ironia e pensamento, vida e morte em Kierkegaard e Woody Allen. **Contemporânea**. Salvador: v.7, n. 1 (2009) DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v7i1.3605> Acesso em: 07 maio 2020.

ACSELRAD, Marcio. O humor como estratégia de comunicação. In **XII Encontro Anual da Compós**, 2003, Recife. Anais, 2003. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_923.pdf. Acesso em: 21 maio 2020.

BURGEES, Jean. **Vernacular creativity and new media**. Tese (Doutorado em Comunicação) - School of Communication, Queensland University of Technology, Brisbane, 2007.

COLAB; #MUSEUdeMEMES. **Livro de Códigos Eleições 2018**. Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/codebook/> Acesso em: 03 ago. 2020.

CONSUMOTECA; GENTE. **In Meme We Trust**. 2019. Disponível em: <http://gente.globosat.com.br/in-meme-we-trust/>. Acesso em: 06 maio 2019.

DENISOVA, Anastasia. **Internet Memes and Society**. New York: Routledge, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780429469404>

FISKE, John. **Understanding popular culture**. Londres e Nova Iorque: Routledge 1989

FREIRE, F. “Uma breve reflexão sobre memes políticos, humor e conversação cotidiana informal”. **Em Debate**, Belo Horizonte, vol. 8, nº 6, p. 34-40, 2016.

GROSSBERG, Lawrence. **Cultural Studies in the Future Tense**. Durham e Londres: Duke University Press, 2010.

INOCENCIO, Luana; ARISTIMUÑO, Felipe.; FRANCO, J. C. M. S. . A CULTURA HUE BR: memes, apropriações, humor e representação identitária em sites de redes sociais. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. et al. (Org.). **Comunicação, diversidade e tolerância**: e-book IBERCOM 2017. 15ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2017, v. 1, p. 2755-2779.

JACKS, N.; SCHMITZ, D. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, p. 115-130, 2018.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

LISTER, Martin et al. **New media: A critical introduction**. London: Routledge, 2009.

LOPES, M. I. V. de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 39-63, 2018. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v12i1p39-63. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/145750>. Acesso em: 28 out. 2020.

LUNARDI, Gabriela; BURGEES, Jean. “É zoeira”: as dinâmicas culturais do humor brasileiro na internet. In: CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 427-457.

LUNARDI, Gabriela. **“The ‘zoeira’ never ends”: the role of internet memes in contemporary brazilian culture**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - School of Communication, Queensland University of Technology, Brisbane, 2018.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. ¿Desde dónde pensamos la comunicación hoy? **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, 0(128), 13-29, 2015. DOI: <https://doi.org/10.16921/chasqui.v0i128.2545>. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2545>. Acesso em: 15 ago. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia: entrevista à revista Fapesp. **Revista Fapesp**, edição 163. São Paulo: setembro de 2009. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2009/09/01/as-formas-mesticas-da-midia/>. Acesso em 10 ago. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, (1987), 1997.

MILNER, Ryan. **The world made meme: public conversation and participatory media**. Cambridge: MIT Press, 2016.

PIENIZ, Mônica; CENCI, Márcio. Tecnicidades de las mediaciones comunicativas de la cultura a las mutaciones culturales. In: RINCÓN et al. **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural - Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. 1. ed. Equador: Ciespal, p. 137-160, 2019.

PURECO, Gabriela; MAGOS, Sérgio. Los “memes de Internet” en la campaña presidencial México, 2018. Caso Instituto del Meme Electoral (IME). In.: ISLAS, O.; Arribas, A. (Cords.). **Las benditas redes sociales digitales. El uso de internet en las elecciones presidenciales en México, 2018**. Cuadernos Artesanos de Comunicación, cac169. La Laguna (Tenerife), p. 209-248, 2019. DOI: 10.4185/cac169

RINCÓN, Omar. Mapa Insomne - Ensayos sobre el sensorium contemporáneo, un mapa para investigar la mutación cultural. In: RINCÓN et al. **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural - Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. 1. ed. Equador: Ciespal, p. 17-23, 2019.

RINCÓN, Omar. O popular na comunicação: culturas bastardas + cidadanias celebrities. **Revista ECO-Pós**, 19(3), 27-49. 2016. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v19i3.5420>

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge: MIT Press, 2014

TAY, G. **Embracing LOLitics: popular culture, online political humor, and play**. 2012. 236 f. Dissertação (Masters in Media and Communication) – University of Canterbury, Christchurch, Nova Zelândia, 2012.

VAN ZOONEN, L. I-Pistemology: Changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, 27(1), 56-67. 2012 <https://doi.org/10.1177/0267323112438808>.